

A Tentativa de Assassinato de Konrad Adenauer: Uma Conspiração para Derrotar as Reparações

Nos primeiros anos da Alemanha Ocidental pós-Segunda Guerra Mundial, Konrad Adenauer, o primeiro chanceler do país, emergiu como uma figura pivotal na reconstrução de um país devastado e na restauração do seu lugar no palco global. Um anticomunista convicto e católico devoto, Adenauer liderou a Alemanha Ocidental de 1949 a 1963, guiando-a rumo à democracia, recuperação econômica e reconciliação com antigos inimigos. No entanto, os seus esforços para negociar reparações com Israel pelas atrocidades do Holocausto tornaram-no alvo de oposição extremista. Em 27 de março de 1952, uma bomba em um pacote endereçado a Adenauer explodiu na Sede da Polícia de Munique, matando um policial e expondo uma chocante conspiração de assassinato ligada ao militante israelense Menachem Begin. Este artigo explora o contexto, a execução e as consequências desta audaciosa tentativa de matar o chanceler, lançando luz sobre um capítulo menos conhecido da história da Guerra Fria.

Konrad Adenauer e o Acordo de Reparações

Konrad Adenauer, nascido em 1876 em Colônia, era um político experiente com um histórico de oposição ao nazismo. Como prefeito de Colônia durante a República de Weimar, resistiu ao regime de Hitler, sofrendo prisão e vivendo em reclusão durante a guerra. Após 1945, cofundou a União Demócrata-Cristã (CDU) e tornou-se o primeiro chanceler da Alemanha Ocidental em 1949, encarregado de reconstruir uma nação em ruínas. A sua política externa priorizava a integração com o Ocidente e a reconciliação com antigos adversários, incluindo França e Estados Unidos. Uma pedra angular da sua agenda moral e diplomática era lidar com a responsabilidade da Alemanha pelo Holocausto.

Em 1951, Adenauer iniciou negociações para um Acordo de Reparações com Israel, visando fornecer compensação financeira aos sobreviventes do Holocausto e ao nascente Estado judeu. As conversas, formalizadas no Acordo de Luxemburgo de setembro de 1952, foram profundamente controversas. Na Alemanha, alguns viam as reparações como um fardo econômico ou uma admissão de culpa coletiva, enquanto em Israel, muitos se opunham a aceitar dinheiro da Alemanha, vendo isso como uma legitimação de uma nação responsável pelo genocídio de seis milhões de judeus. Grupos radicais, particularmente aqueles ligados à organização paramilitar sionista Irgun, condenaram o acordo como uma traição às vítimas do Holocausto, argumentando que os sobreviventes deveriam receber pagamentos diretos em vez de fundos canalizados através do governo israelense para projetos de construção do Estado.

Menachem Begin e a Ligação com o Irgun

No coração da conspiração de assassinato estava Menachem Begin, uma figura imponente na história israelense que mais tarde serviu como primeiro-ministro de 1977 a 1983 e compartilhou o Prêmio Nobel da Paz de 1978 pelos Acordos de Camp David. Em 1952, Begin era o líder do Herut, um partido político de direita enraizado no movimento sionista revisionista, e ex-comandante do Irgun, a milícia pré-estatal responsável por ataques contra forças britânicas na Palestina. Begin, cuja família pereceu no Holocausto, opôs-se ferozmente ao acordo de reparações, vendo-o como um compromisso moral que permitia à Alemanha “comprar” absolvição.

A oposição de Begin não era meramente retórica. De acordo com revelações posteriores, ele apoiou ativamente um plano para assassinar Adenauer para descarrilar as conversas de reparações. O plano foi orquestrado por um pequeno grupo de ex-membros do Irgun, incluindo Eliezer Sudit, que detalhou o seu envolvimento em uma memória publicada décadas depois, *Be'shlhut Ha'matzpun (Em uma Missão de Consciência)*. O relato de Sudit, corroborado pelo jornalista alemão Henning Sietz no seu livro de 2003 *Tentativa de Assassinato de Adenauer: A História Secreta de um Ataque Político*, revelou o papel central de Begin na aprovação, financiamento e planejamento da operação.

O Desdobramento da Conspiração

A tentativa de assassinato foi tanto ousada quanto amadora. Em 27 de março de 1952, um pacote endereçado ao Chanceler Adenauer chegou à Sede da Polícia de Munique, despertando suspeitas devido à caligrafia infantil e ao endereçamento incorreto. O pacote, que continha uma bomba escondida dentro de uma enciclopédia, havia sido enviado por dois adolescentes contratados pelos conspiradores. Sentindo algo errado, os rapazes alertaram a polícia em vez de enviá-lo. Quando os agentes tentaram inspecionar o pacote, ele detonou, matando o policial bávaro Karl Reichert e ferindo outros dois.

Ao mesmo tempo, duas bombas em cartas adicionais foram enviadas para o local onde as delegações israelense e alemã negociavam reparações, reivindicadas por um grupo que se autodenominava Organização de Partisans Judeus. Essas bombas não alcançaram os alvos, mas a explosão em Munique desencadeou uma investigação internacional. Autoridades francesas e alemãs rastream a conspiração até cinco suspeitos israelenses em Paris, todos ligados ao Irgun. Entre eles estava Eliezer Sudit, que admitiu preparar o dispositivo explosivo. Os suspeitos foram presos, mas depois autorizados a retornar a Israel, com as evidências mantidas sob sigilo para evitar inflamar sentimentos antissemitas na Alemanha.

As memórias de Sudit, publicadas nos anos 1990, forneceram insights críticos sobre as motivações e a execução da conspiração. Ele alegou que a intenção não era matar Adenauer, mas gerar atenção da mídia internacional e interromper as conversas de reparações. “Estava claro para todos nós que não havia chance de o pacote chegar a Adenauer”, escreveu Sudit, sugerindo que o plano foi projetado como um ato simbólico. No entanto, essa alegação é contestada, pois o envolvimento de Begin e o resultado mortal — a morte

de um policial — sugerem uma intenção mais séria. Sudit relatou o compromisso pessoal de Begin, incluindo uma oferta para vender o seu relógio de ouro para financiar a operação quando o dinheiro acabou, e reuniões com membros do Knesset Jochanan Bader e Chaim Landau, bem como o ex-chefe de inteligência do Irgun Abba Scherzer, para coordenar a conspiração.

Consequências e Encobrimento

O governo da Alemanha Ocidental, sob a liderança de Adenauer, e o primeiro-ministro israelense David Ben-Gurion buscaram minimizar o incidente para preservar as frágeis relações bilaterais. Adenauer, ciente das origens do plano, optou por não persegui-lo agressivamente, temendo uma reação antissemita na Alemanha ou o descarrilamento das reparações. Ben-Gurion, que apoiava o acordo de reparações, apreciou a contenção de Adenauer, pois a publicização do envolvimento de Begin poderia ter tensionado a nascente relação germano-israelense. Os detalhes permaneceram em grande parte suprimidos até 2006, quando o *Frankfurter Allgemeine Zeitung* publicou trechos das memórias de Sudit, despertando renovado interesse e debate.

Em Israel, o papel de Begin permaneceu obscuro por décadas. O seu secretário pessoal, Yehiel Kadishai, e Herzl Makov, diretor do Centro do Patrimônio Menachem Begin, alegaram ignorância do plano quando questionados em 2006. No entanto, o relato de Sudit, apoiado pela pesquisa de Sietz, deixou pouca dúvida sobre o envolvimento de Begin. A revelação chocou analistas, dado o estatuto posterior de Begin como pacificador, e levantou questões sobre a ética da violência política na era pós-Holocausto.

A tentativa de assassinato falhou em descarrilar o Acordo de Reparções, que foi assinado em setembro de 1952. A Alemanha Ocidental pagou inicialmente cerca de 3 bilhões de marcos alemães a Israel e 450 milhões à Conferência de Reivindicações, com pagamentos continuando à medida que novas reivindicações surgiam. O acordo fortaleceu a economia de Israel e marcou um passo significativo no acerto de contas moral da Alemanha, embora permanecesse divisivo. A sobrevivência e a determinação de Adenauer fortaleceram a sua posição doméstica e internacional, contribuindo para a sua reeleição em 1953.

Legado e Significado Histórico

A tentativa de assassinato de Konrad Adenauer sublinha as emoções cruas e a política complexa da era pós-Holocausto. Para Begin e seus aliados, o acordo de reparações simbolizava uma traição ao sofrimento judeu, mas a sua resposta violenta arriscava minar a autoridade moral de Israel e os objetivos diplomáticos. A decisão de Adenauer de suprimir o caso refletiu o seu compromisso pragmático com a reconciliação, mesmo ao custo da transparência. O incidente também destaca os desafios de navegar justiça, memória e interesse nacional à sombra do genocídio.

Hoje, a conspiração é uma nota de rodapé nos legados de Adenauer e Begin, ofuscada pelas suas conquistas posteriores. Adenauer é celebrado como pai fundador da Alemanha moderna e da integração europeia, enquanto Begin é lembrado pelo seu papel em asse-

gurar a paz com o Egito. No entanto, a tentativa de 1952 serve como um lembrete da volatilidade dos primeiros anos da Guerra Fria, quando divisões ideológicas e feridas históricas alimentavam medidas extremas. Também incentiva a reflexão sobre a ética da violência política e o delicado equilíbrio da diplomacia ao lidar com atrocidades passadas.

Como o historiador Moshe Zimmermann observou, o sigilo da conspiração foi impulsionado por um desejo mútuo de proteger a reconciliação germano-israelense. A sua exposição tardia, através das memórias de Sudit e reportagens subsequentes, convida-nos a lidar com as ambiguidades morais de uma época em que sobreviventes, estadistas e militantes lidavam com o legado do Holocausto de maneiras profundamente diferentes.